

362

Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores

Luís Ferrand de Almeida

António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 0304

VIDA DO INSTITUTO

Evocação de Sérgio Soares

Foi com muito agrado que aceitei o convite do Senhor Doutor Fernando Taveira para fazer uma breve evocação do nosso colega e amigo Sérgio Cunha Soares, mas também com um misto de tristeza por me trazer à lembrança uma perda ainda sentida. Não tentarei traçar o perfil do homem ou do historiador. Limitar-me-ei a evocar alguns gestos perdidos no tempo, palavras que ainda ecoam no meu pensamento, momentos suspensos na memória, tal como os recorde hoje.

Conheci o Sérgio em 1979, ano em que ingressa, como assistente eventual, - no Grupo de História da nossa Faculdade, e no Instituto de História Económica e Social, a que eu também pertencia. Soube primeiro que fora aluno distintíssimo, dotado de superior inteligência e com um apego fervoroso pelo saber. Verifiquei depois ser um jovem de porte gentil e senhor de uma delicadeza no trato que encantava. Trato esse, delicado e afável, que, aliado a uma personalidade franca e leal, lhe granjeou sólidas e profundas amizades.

Tivemos ambos o privilégio e a sorte de trabalhar com o Senhor Doutor António de Oliveira na disciplina de *História de Portugal séculos XV a XVIII*. A necessária coordenação das aulas práticas da cadeira proporcionou um contacto estreito entre nós. Foi uma época muito estimulante do ponto de vista intelectual, ao poder analisar matérias com alguém de craveira tão excepcional, partilhando leituras, discutindo ideias, com ele aprendendo sempre.

Em 1980, e por sugestão sua, organizámos uns textos de apoio às aulas práticas, que continham não só excertos bibliográficos, mas sobretudo fontes impressas, com o objectivo, como então dizíamos, de incentivar os “alunos à reflexão e à crítica, que forçosamente os levará à pesquisa da documentação histórica”¹. Rememoro aqui a forma artesanal como esses textos foram elaborados em minha casa. À falta de uma mesa de composição, para a sua montagem utilizámos uma mesa meio aberta, a luz forte de um candeeiro, um vidro grande, uma folha de papel milimétrico, cola e tesoura. Não posso deixar de pensar como vão longe esses tempos pré-informáticos! O aspecto

¹ Guilhermina Mota e Sérgio Soares, “Introdução”, in *Textos de apoio às aulas práticas de História de Portugal (secs. XV-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1980-1981, policopiado.

gráfico da publicação reflecte nitidamente essas insuficiências de ordem técnica, mas tenho esperança que os textos espelhem também o cuidado posto na sua execução e a dedicação aos alunos que a sua concepção tinha subjacente.

Alunos por quem Sérgio Soares sempre nutriu um carinho verdadeiro, com eles e por eles se empenhando no pensar dos temas, na abertura de horizontes, numa sementeira de ideias a germinar. Penso que essa vontade e esse empenho bem foi compreendido pelos seus discípulos. Sei que admiravam não só o pedagogo, pois tinha uma notável capacidade de comunicação, um grande rigor terminológico e uma cristalina articulação de ideias, mas também o professor de grande generosidade, dispondo de tempo para apoio, emprestando obras, e mais importante que isso, transmitindo-lhes hipóteses de projectos em devir.

A partilha lectiva do ‘Portugal moderno’ gerou um privar amiudado entre nós, este levava à conversa, esta à descoberta de gostos comuns: “Os contos da lua vaga”, o “Em busca do tempo perdido”, o Goya dos Caprichos, ou as paisagens tempestuosas de Tumer. Ou então, ao descobrir das raízes familiares portuenses, ou mesmo, que algumas das nossas imagens de infância habitavam os mesmos cantos e espaços da urbe nortenha. Ficámos amigos.

Contou-me que nascera sob céus longínquos e que a isso não era indiferente. Nunca voltou às origens, esse regresso foi desejo que ficou por realizar. Da sua terra guardou uma espécie de saudade do não vivido. Memória consciente decerto dela não tinha, pois de lá veio muito menino. Mas para ele, era como se a luz clara da velha Goa tivesse impresso uma marca indelével no olhar, e a vegetação luxuriante e o cheiro forte do Oriente se lhe tivessem impregnado na pele. À magia desse mundo de textos védicos atribuía o invulgar poder de percepção psicológica que possuía, a habilidade para ler as almas. Nos rostos, nos gestos, nas mãos, colhia pequenos sinais com que debuxava depois retratos cheios de finura e de humor. Mas sentia que também pertencia ao mundo de cá, mais agressivo, menos sonhador, mas mais pragmático e concretizador. Na busca incessante de perscrutar o sentido da vida, tanto meditava na filosofia budista como reflectia nos princípios religiosos cristãos. Oscilava entre o desejo de atingir a serenidade do nirvana e o desejo de mergulhar plenamente num universo fervilhante e cosmopolita.

A Revolução de Abril encontra-o aos 16 anos. Com a entrega e a inocência próprias da idade acreditará na construção de um mundo novo. Era a época de todas as utopias, mesmo que feitas à medida de cada um. E empenhou-se de forma dedicada. O envolvimento foi profundo, chegando a experimentar transes difíceis, agruras que nunca esqueceu, mas também breve. Cedo se desiludiu e distanciou da militância política activa, mas não perdeu o interesse pelos homens do seu tempo. Como aconteceu com outros da sua geração, foi o compromisso com a sociedade sua contemporânea, que implica a exigência de conhecer os homens, que o levou a interrogar o passado, ilustrando a afirmação de Agulhon “procuramos na história uma outra maneira de nos interessarmos pelo actual, por exemplo reflectindo sobre as origens imediatas de problemas que nos apaixonam”². Penso, porém, que o amor por Clio acabou por ser mais forte. O ideal político de que

² Maurice Agulhon, “Visão dos bastidores”, in *Ensaio de ego-história* (ed. Pierre Chaunu et al.), Lisboa, Edições 70, 1989, p. 14.

partiu foi, todavia, segundo julgo, determinante na escolha da temática a que se irá dedicar: o poder, os poderes, os poderosos.

Vi crescer o seu projecto de trabalho: a cidade de Coimbra, o seu município, as relações deste com outras instituições e com outros poderes, as suas elites do passado, a gente da governança, mas também esse peixe miúdo do mar da vida sobre quem pesavam tantos tributos, recaíam tantas obrigações, condenado a um trabalho sem redenção. Ou esse termo esmagado pela opressão do centro citadino, o qual enquanto oprime ao mesmo tempo vê avolumar-se a sua sujeição, e a da região, em relação à coroa. Lenta corrosão de poder local em que não deixa de colaborar a ‘vereança’ fidalga que assim trai os seus concidadãos e a missão de defesa dos foros e costumes, do tradicional direito das gentes, face a um absolutismo a que, no entanto, reconhece vectores de modernização e mesmo de democratização. “A moderação e equilíbrio entre a centralização estatal e a defesa do ‘espírito de cidade’ não teve lugar”, como conclui³.

Será a valoração dada à diversidade face à rasoiria uniformizadora da hodierna globalização que o levará, em busca das franquias e liberdades antigas, ao estudo da história local a que se devotará depois de terminada a sua obra magna, *O Município de Coimbra da Restauração ao Pombalismo*, que constituiu a sua dissertação de doutoramento. Projecto esse, o da história local, que de investigação se desdobrou também em docência, com o objectivo de criar uma área disciplinar a que destinava um futuro prometedor. Abordagens mais aprofundadas intentava fazer a outros poderes, como o das ordenanças, poder forte porque próximo e disseminado, a outras câmaras, numa via de análise comparativa, a poderes senhoriais, em que a Casa de Aveiro se destacava pelo fascínio que sobre ele exercia.

Ocorre-me a forma quase compulsiva como trabalhava. Épocas houve em que só saía para passear o Golias, um basset de pelo castanho e longas orelhas que o seguia com aquela adoração que só os cães têm a benevolência de nos devotar.

Lembro também a preocupação em dominar, com rigor, os conhecimentos teóricos, de história, de sociologia, de filosofia política, e a tenacidade com que fez as leituras de Parsons, de Pareto, de Mosca, de Foucault, de Durkheim, de Weber e desse velho conhecido, depois relido, Marx. E em especial a leitura aturada de Hobbes. Quando chegou ao fim da obra, quase sentiu alívio, uma vaga sensação de dever cumprido. A obra era dura, mas a compreensão desse dragão mítico em que o autor personificou o Estado absoluto abriu-lhe perspectivas que muito encarecia. Não sei se ficou convencido da bondade do contrato de transferência de direitos para Leviatã, ou que fosse essa a única forma de o homem fugir à triste condição da sua bruta natureza, pois, como afirma, “A gestação do poder individual ou grupalmente configurado suscita espontânea aversão pela agressão física que o alicerça, e pela inerente manipulação dos homens sobre os seus semelhantes em que se consubstancia”⁴.

³ Sérgio Cunha Soares, *O município de Coimbra da Restauração ao Pombalismo. Poder e poderosos na Idade Moderna*, vol. III, *Práticas e processos da formação camarária*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2004, p. 253.

⁴ Sérgio Cunha Soares, *Ob. cit.*, vol. I, *Geografia do poder municipal*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2001, p. 125.

Como é óbvio, não só no pensamento de autores determinantes se baseou a sua produção científica. Os documentos eram a alma da sua investigação. Muitos dias vividos na Torre do Tombo, no Arquivo da Universidade, mas antes de mais na Biblioteca Municipal, então sediada no mesmo edifício da Câmara. Recordo as muitas tardes, numa zona de passagem então improvisada como sala de leitura da documentação - que ao tempo se tinha de requisitar de véspera, pois se encontrava arquivada na Torre de Almedina de onde era trazida para a consulta - em que o Sérgio, com a cortesia que era seu timbre, me cedia a secretária voltada para a janela, para a luz portanto, enquanto ficava sentado na secretária virada para a parede. Era um animal de arquivo. Sentia de forma intensa aquela emoção da surpresa que nos espera ao virar de um fôlio, a sedução de fazer saltar do papel amarelecido, mulheres e homens, nas suas grandezas e misérias. Confessou-me que tinha por vezes a sensação, um pouco à maneira de Michelet, de ressuscitar o passado, de devolver a vida ao que era inerte. Como se ali se ouvisse ainda o chiar das carroças carregadas à Porta do Carro ou de mais longe, de Sansão, chegassem os pregões das vendedeiras no Terreiro ou dentro das paredes ecoasse o cantochão dos frades cruzios.

Penso ter sido essa paixão pela história, pelos valores matriciais da tradição que lhe suscita o desejo de experienciar uma vida outra. Deixa a cidade, muda-se para a Póvoa de Cemache. Aí assisti às suas tentativas, não muito frutíferas, do amanho da horta. Cavava com energia, qual homem de jorna com quem se queria identificar, mas não me parece que lhe quadrasse a lavoura. Encarnaria talvez mais, sem disso ter consciência, o senhor, transmutado para as vivências campestres. Mas era genuíno o desejo de se irmanar com os homens do lugar, partilhando as suas tradições e costumes. Uma tarde tomou parte numa cavalgada popular. Que estrépito o dos cavalos a entrar na aldeia batida do sol, e ele lá no meio dos outros! Ainda vejo a alegria intensa e o entusiasmo vibrante com que nos acenava, meio soerguido na sela.

Vieram depois dias mais sombrios. Vi a dor que sentia pela progressiva dificuldade em conciliar o controlo da doença e o trabalho de criação que exige disponibilidade e concentração. Matéria esta dolorosa e incómoda e no entanto incontornável, pois a sua vida tomou-se a partir de então de uma fragilidade comovedora, marcada por uma forte instabilidade, oscilando entre uma agitação exuberante e uma prostração aturdida. Cada vez mais interiorizava a certeza de ser um fardo para os outros.

Mesmo nessa altura a sua mente não perdeu o brilho. As ideias, quais pedaços de vidro colorido, giravam então como que em caleidoscópio. Nem sempre as imagens fariam sentido, mas quantas vezes surgiam com uma insuportável beleza poética.

«Admirável: não pensa, ao ver um Raio, 'é fugaz a vida'»⁵. Que a vida é fugaz não é só Bashô que o sente. O que nós não vemos é o cair do raio. E a opção do Sérgio de sair de cena, em momento por si escolhido, colhe-nos de surpresa. Cumpre o seu destino como viveu, de forma plena, a grandes tragos.

9 de Abril de 2003
Guilhermina Mota

⁵ *50 Haiku*, tradução de Paulo Rocha e caligrafias japonesas de Yukie Kito, Lisboa, Moraes Editores, 1970.